



ALGUMAS DAS OPINIÕES DE JOHN F. HAUGHT SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE TEOLOGIA E CIÊNCIA¹

Robson Barbosa da Silva*

Resenha de:

Haught, John F. *Cristianismo e Ciência: Para uma teologia da natureza*. São Paulo: Paulinas, 2010, 296 p.

Neste livro, John F. Haught (professor na Georgetown University, em Washington) discorre sobre as possibilidades para a teologia em uma cultura cientificamente informada, apresentando propostas acerca de como se poderia dirimir uma série de problemas surgidos na interface “ciência-teologia”. “[...] Haught [...] convida-nos a revisitar a teologia cristã tendo em mente a descoberta científica, segundo a qual o universo é uma narrativa em processo” (p. 4), pois é pertinente perguntar se a cosmovisão cristã estaria superada, dado que o está a cosmologia onde ela nasceu. Propõe que, com o amplificar da cosmologia, se veja amplificado também o modo de se pensar o divino.

No capítulo 1, diz que a fé cristã estaria voltada para o futuro, sendo este futuro o próprio Deus e cabendo a nós não apreendê-lo, mas sermos capturados pelo mesmo. Não “[...] é o método científico em si, mas a *crença* no escopo explicativo ilimitado da ciência, que contradiz o cristianismo e outras religiões” (p. 23), pois a ciência, que compreende o futuro com base no passado, não pode apreender a ideia de que o mundo possa ser renovado. Defende uma teologia da natureza, na qual se tenta dizer o que o mundo significa se o pensarmos como estando fundado na realidade de Deus “[...] que em Cristo e por meio do Espírito torna novas todas as coisas” (p. 30-31). Concebe a ressurreição de Cristo não como violação das leis da física, mas como contrária a “[...] qualquer visão de mundo que faça da morte o estado mais fundamental do ser” (p. 36)².

No capítulo 2, prossegue dizendo que a ciência se contraporaria à religião também se aquela reduzisse “a amplitude do mistério divino”. Contudo, o mistério persiste, por exemplo, nas chamadas “questões-limite”, que surgiriam na fronteira da investigação científica. E a teologia e religião podem ser concebidas como respostas a tais questões, ao invés daquelas problemáticas com as quais a ciência se ocupa.

No capítulo 3, Haught diz, por sua vez, que “[...] a revelação não é uma violação das rotinas invioláveis da natureza, mas uma expressão, em termos simbólicos, de um drama profundo e momentoso sempre em curso nas profundezas do universo e da história humana” (p. 60). Tal drama seria inacessível à ciência. “[...] Em virtude da encarnação, todo drama da natureza que se desdobra

¹ Enviado em: 25.09.2020. Aceito em: 16.12.2020.

* E-mail: robsonbio2008@hotmail.com

² Os outros milagres também não seriam violações das leis naturais.

ao longo de bilhões de anos é também a revelação de Deus” (p. 61). O conteúdo da revelação, para a teologia da natureza, viria por meio de imagens capazes de tornar inteligível todo o universo. Em Cristo, temos a imagem do Deus que se rebaixa em amor à criação. Nas Escrituras, temos a imagem do Deus que faz promessas, abrindo para nós um futuro sempre novo.

No capítulo 4, Haught coloca a questão sobre que lugar a esperança cristã terá no contexto de um universo que caminha para a degradação, opinando que só “[...] uma nova criação pode salvar o universo, e é por isso, e não pelo indefinido prolongamento do cosmo atual, que espera o cristianismo” (p. 84-85). Mesmo sob a perspectiva de morte do universo, se “[...] sua história, até o último detalhe, pode ser sempre incorporada na vida de Deus, o universo não será absolutamente carente de sentido” (p. 97).

No capítulo 5, falando acerca do pensamento de Teilhard de Chardin, diz que “[...] o sentido que hoje buscamos no cosmo, quer científica, quer teologicamente, só pode residir plenamente no futuro, não no passado ou no presente” (p. 103). Diz que a moderna exegese não vê a mensagem bíblica acerca do destino humano como sendo uma radical ruptura relativamente ao universo físico (ruptura esta própria de uma platonização do cristianismo). “No que tange a uma teologia da natureza, o desafio é fazer com que o mundo do sujeito e o fenômeno do ‘pensamento’ sejam vistos como parte da natureza, em vez de permanecerem essencialmente alheios a ela” (p. 113).

No capítulo 6, Haught diz que o problema da teodiceia está em porque Deus, bom e todo-poderoso, criaria um universo inacabado, imperfeito e evolutivo. “[...] a resposta sucinta pode ser a de que qualquer mundo imaginável que fosse inteiramente acabado e perfeito *ab initio* não seria distinto de Deus e de fato não poderia ser uma criação” (p. 153). O desejo de Deus pelo outro explica o porquê de o universo não ser acabado em um ato original de criação. E um universo inacabado precisa ser redimido.

No capítulo 7, diz que a geração do Filho é, basicamente, um ato de autoesvaziamento do Pai, e que a auteridade na vida trinitária é o que possibilita a criação do mundo à imagem do Logos. “[...] Entre a primordial abnegação de Deus e o aperfeiçoamento definitivo de todas as coisas pelo Espírito Santo encontra-se a grande aventura da criação” (p. 158). No mesmo capítulo, discorre sobre modelos de relacionamento entre ciência e teologia. Haught advoga o modelo de *contato*, no qual se “[...] impede qualquer confusão entre ciência e religião, mas também [se] reconhece ser impossível isolar a teologia dos resultados da descoberta científica” (p. 172).

No capítulo 8, fala do abandono da ideia de que a realidade fosse viva em essência (hipótese do *panvitalismo*) em favor da noção naturalista (que, ao contrário, toma a morte como o “estado mais fundamental do ser”) com a ascensão da ciência empírica. Haught propõe que uma “explicação escalonada” seria uma descrição que faria justiça aos significados teológico e científico dos fenômenos naturais (*e.g.* pode-se dizer que a vida surgiu na Terra devido ao ajuste de certos eventos físicos, bem como devido à bondade divina).

No capítulo 9, levanta-se a questão: o que ocorrerá com a consciência quando o universo desaparecer? “[...] As escatologias calcadas na alma da teologia cristã tradicional [...]” (p. 238), segundo Haught, não fariam justiça ao fato de estarmos entrelaçados com o cosmo. O Deus que adoramos e em quem confiamos deve poder sustentar a subjetividade humana também no mundo consumado, como a sustenta em um mundo inacabado. Haught defende o que chama “panvitalismo escatológico”, baseado na ideia de natureza não só como resultado de uma série de causas mecânicas pretéritas, mas como antecipação e promessa de um futuro cósmico indefinido, o que incluiria a vitória da vida sobre a morte, vitória esta prefigurada na ressurreição de Cristo.

No capítulo 10, diz: “Uma teologia da natureza, portanto, deve fazer mais do que buscar o sentido teológico das descobertas científicas. Deve também demonstrar que a confiança no conteúdo da revelação pode efetivamente *embasar* a mente em sua busca da verdade científica” (p. 249). O Deus que se revela “não é um objeto a ser dominado”, mas um sujeito que nos convida a sermos dominados por seu amor. A plena inteligibilidade do mundo coincide, de fato, com o encontro deste mundo com o futuro absoluto.

O livro introduz muitos problemas interessantes e apresenta propostas arrojadas, por exemplo, para a questão da viabilidade da crença cristã em face da perspectiva de um universo que, segundo a ciência, caminha para a morte. Cumpre bem sua proposta de apresentar uma teologia informada pelos novos saberes oriundos da pesquisa científica contemporânea. É difícil, porém, avaliar a propriedade de tais expostos no que tange às críticas direcionadas à metafísica e ao teísmo tradicionais. Alguns leitores talvez sintam falta de um exame mais detido com o uso de ferramentas da filosofia analítica da religião ou da exegese bíblica, o que não é o escopo da obra em questão e deve ser buscado alhures.